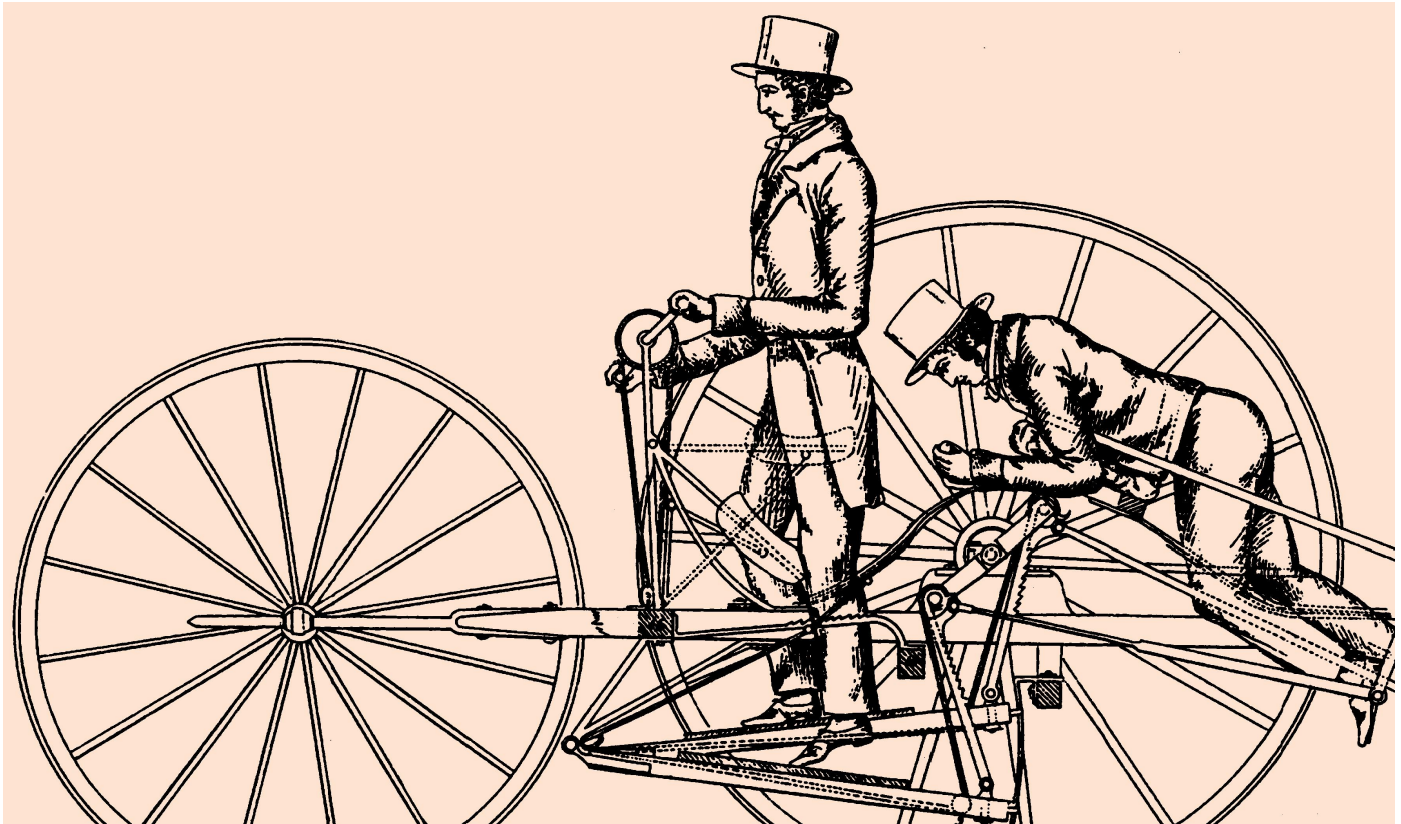


# O QI artificial

## O FUTURO DO FUTURO



Com a inteligência artificial de nova geração, as máquinas passaram a superar com facilidade o famoso teste de Turing. Serão as máquinas inteligentes ou apenas imitam bem os humanos?

Ser tão bom como os humanos pode não ser o melhor cartão de visita na inteligência artificial (IA). Luís Paulo Reis, professor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), dá um exemplo: “Se perguntar a um humano quantos países tem a Europa, possivelmente responde com os países maiores ou avança com uma estimativa.

Em contrapartida, uma máquina indica o número exato e apresenta a lista de países. A máquina já supera o humano, mas tem de adaptar respostas se quiser ser tomada como humana.”

Em 1950, o britânico Alan Turing transformou um jogo popular num teste que averigua se uma IA se consegue fazer passar por um humano através do

discurso. A ideia era de fácil percepção: se os humanos se distinguem pela fala, então as máquinas podem ser consideradas inteligentes se tiverem diálogo similar ao dos humanos. O conceito manteve-se por sete décadas, até que algo mudou: “O ChatGPT responde assim porque é agradável para os humanos.

Como humano, também acho mais agradável falar com humanos do que com máquinas”, lembra Luís Paulo Reis.

Ainda que limitado ao discurso e com alguns casos de máquinas que o superaram, o teste de Turing não deixou de ser a referência da IA. Até que surgiram os grandes modelos de linguagem e o já referido ChatGPT.

De súbito, as máquinas passaram a escrever com coerência comparável à dos humanos, mas parte da comunidade científica continua a achar que o feito não chega para atestar inteligência.

**As máquinas passaram a escrever com coerência comparável à dos humanos**

Mustafa Suleyman, líder da Inflection AI e fundador da DeepMind, surpreendeu na Technology Review ao propor um teste que permitisse averiguar a capacidade de uma IA para idealizar um negócio e faturar um milhão de dólares depois de receber 100 mil. Independentemente da inteligência, esse teste terá a vantagem de apurar o impacto gerado. “É um teste à autonomia e à criatividade.

E é possível que surjam no futuro outros testes, como, por exemplo, a atribuição do Óscar à IA que cria o melhor filme”, refere Alípio Jorge, professor da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. “Apurar se um agente artificial é inteligente pode não ser a melhor forma de colocar a questão. O conceito de inteligência não está assim tão bem definido”, acrescenta.

Luís Paulo Reis recorda que, depois dos anos 50, surgiram outros testes que avaliam habilidades e desempenho da IA em diferentes tarefas, mas essa evolução não conseguiu gerar o consenso sobre se o teste de Turing reflete inteligência ou imitação.

“Não é preciso novo teste de Turing. As máquinas provaram que são inteligentes ao superá-lo”, defende António Branco, professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. “O que passou a interessar às pessoas é se as máquinas são ou não conscientes”, diz. O debate vai recomeçar.

Hugo Séneca

sociedade@expresso.impresa.pt